



VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA

ULBRA – Canoas – Rio Grande do Sul – Brasil.

04, 05, 06 e 07 de outubro de 2017

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO NAS EDIÇÕES DA SEGUNDA ARITMÉTICA DA SÉRIE CONCÓRDIA

Malcus Cassiano Kuhn¹

Arno Bayer²

História da Matemática, História da Educação Matemática e Cultura

Resumo: Esta comunicação investiga a contextualização do conhecimento matemático nas duas edições da Segunda Aritmética da série Concórdia, editadas pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil, por meio da Casa Publicadora Concórdia de Porto Alegre, para as escolas paroquiais gaúchas, na primeira metade do século XX. Fundamentando-se na pesquisa histórica, verificou-se que tais aritméticas abordavam concretamente e de forma conectada três aspectos essenciais da Matemática educativa: o formativo, o informativo e o utilitário. Identificou-se a contextualização do conhecimento matemático com produções e atividades agrícolas, operações comerciais, orçamento familiar, prática religiosa luterana, comunicação postal e profissões.

Palavras Chaves: História da Educação Matemática. Livros de Aritmética. Contextualização do Conhecimento. Práticas Socioculturais.

INTRODUÇÃO

Em 1900, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri³, atualmente Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB, iniciou missão nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul – RS, fundando congregações religiosas e escolas paroquiais. Conforme Kuhn (2015), as escolas paroquiais luteranas estavam inseridas num projeto missionário e comunitário que buscava ensinar a língua materna, Matemática, valores culturais, sociais e, principalmente, religiosos. Tais escolas:

Tinham uma responsabilidade para com a comunidade no sentido de, junto e com ela, promover o crescimento e o desenvolvimento pessoal de todos que a compõe, focando a cidadania. Se a escola formasse o ser humano com postura ética e moral exemplar, este poderia promover transformações sólidas em seu contexto social e seria um verdadeiro colaborador na seara de Deus e para o governo do mundo (KUHNS; BAYER, 2016, p. 6).

O Sínodo de Missouri também tinha uma preocupação em relação aos recursos didáticos usados nas escolas paroquiais, pois este material era escasso e a dificuldade era grande em manter um ensino planejado e organizado. Por isso, na década de 1930, o Sínodo

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA/Canoas/RS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul Câmpus Lajeado/RS. E-mail: malcuskuhn@ifsul.edu.br

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Salamanca – Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECIM – da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA/Canoas/RS. E-mail: bayer@ulbra.br

³ Em 1847, um grupo de imigrantes luteranos alemães da Saxônia fundou no estado de Missouri (Estados Unidos), o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e Outros Estados, atualmente Igreja Luterana - Sínodo de Missouri.

de Missouri começou a produzir livros de aritmética para os primeiros anos de escolarização, por meio da Casa Publicadora Concórdia⁴ de Porto Alegre/RS. Para as aulas de Matemática, foram publicadas duas séries, compostas por três aritméticas: a série Ordem e Progresso, lançada na década de 1930, e a série Concórdia, lançada na década de 1940. No Instituto Histórico da IELB em Porto Alegre, localizaram-se a Primeira e a Terceira Aritmética, ambas da série Ordem e Progresso, e uma edição da Primeira, duas edições da Segunda e uma edição da Terceira Aritmética, todas da série Concórdia. Registra-se que não foi localizada a Segunda Aritmética da série Ordem e Progresso.

Esta comunicação científica tem por objetivo abordar a contextualização do conhecimento matemático nas edições da Segunda Aritmética da série Concórdia, editadas pela IELB, para as escolas paroquiais luteranas do século XX no RS. Trata-se de um recorte de tese, complementado por pesquisas realizadas durante o estágio Pós-doutoral em um Programa de Pós-Graduação. Como a temática investigada se insere na História da Educação Matemática no RS, busca-se na pesquisa histórica o suporte para discussão.

Conforme Prost (2008), os fatos históricos são constituídos a partir de traços deixados no presente pelo passado. Assim, a tarefa do historiador consiste em efetuar um trabalho sobre esses traços para construir os fatos. Certeau (1982) define o fazer história, no sentido de pensar a história como uma produção. Para o autor, a história, como uma produção escrita, tem a tripla tarefa de convocar o passado que já não está em um discurso presente, mostrar as competências do historiador (dono das fontes) e convencer o leitor. O trabalho do historiador, de acordo com Certeau (1982), é fazer um diálogo constante do presente com o passado, e o produto desse diálogo consiste na transformação de objetos naturais em cultura.

Para Julia (2001), o estudo da cultura escolar instiga a busca pelas normas e finalidades que regem a escola, a avaliação do papel desempenhado pelo professor e a análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares. Chervel (1990) considera importante o estudo da cultura escolar para a compreensão dos elementos que participam da produção/elaboração/constituição dos saberes escolares e, em particular, da matemática escolar e sua história.

De acordo com Valente (2007), pensar os saberes escolares como elementos da cultura escolar, realizar o estudo histórico da matemática escolar, exige que se devam considerar os produtos dessa cultura no ensino de matemática, que deixaram traços que permitem o seu

⁴ Fundada em 1923, fazia a edição de livros e de periódicos relacionados à literatura religiosa e escolar da IELB. Foi a primeira e a única redatora da IELB, existente até os dias atuais. Antes de sua fundação, os livros e os periódicos eram impressos pela *Concordia Publishing House*, nos Estados Unidos, e enviados para o Brasil.

estudo, como as aritméticas da série Concórdia, principais fontes documentais desta investigação.

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO NAS SEGUNDAS ARITMÉTICAS DA SÉRIE CONCÓRDIA

Conforme estudos realizados por Kuhn (2015), nas escolas paroquiais luteranas gaúchas do século passado, o ensino da Matemática priorizava os números naturais, os sistemas de medidas, as frações e os números decimais, complementando-se com a matemática comercial e financeira e a geometria. O ensino desta disciplina deveria acontecer de forma prática e articulada com as necessidades dos futuros agricultores, observando-se a doutrina luterana. Segundo Lemke (2001), o ensino da palavra de Deus, através da Bíblia, ficava em primeiro lugar, e as demais disciplinas não eram menosprezadas, mas complementavam a educação para servir no mundo.

Na Figura 1, apresenta-se a edição da Segunda Aritmética da série Concórdia, de autoria de Otto A. Goerl⁵:

Figura 1 – Segunda Aritmética de Otto A. Goerl

<p style="text-align: center;">Série CONCÓRDIA</p> <p style="text-align: center;">◆</p> <p style="text-align: center;">Segunda Aritmética</p> <p style="text-align: center;">—————</p> <p style="text-align: center;">Otto A. Goerl</p> <p style="text-align: center;">—————</p> <p>CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA S. A. Rua São Pedro, 633-639 — Pôrto Alegre</p>	<p>A Segunda Aritmética da série Concórdia, de Otto A. Goerl, possui 77 páginas e se divide em três secções: I – Números de 1 a 100 (recapitulação), com as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão; II – Números de 1 a 1000, relacionando unidades, dezenas e centenas, bem como, as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão; III – Números até 10000, explorando as classes de milhares, centenas, dezenas e unidades, números pares e números ímpares, operações de adição, subtração, multiplicação e divisão.</p>
--	---

Fonte: Goerl, [194-].

Na análise realizada se verificou que essa aritmética proporciona uma associação com diferentes contextos da realidade dos alunos e mostra uma preocupação com o aprendizado de

⁵ O gaúcho Otto Adolpho Goerl (1905-1998) se formou no Seminário Concórdia, em 1925, e foi ordenado pastor em 1926. Além de pastor, foi professor paroquial e, posteriormente, professor e diretor do Seminário Concórdia. Autor de livros para o ensino de leitura e da aritmética nas escolas paroquiais luteranas. Também foi redator da revista teológica e pedagógica *Igreja Luterana*.

fundamentos básicos da Matemática para que, no futuro, fossem capazes de administrar o orçamento familiar e gerenciar a produção da sua propriedade rural.

Goerl [194-] coloca os alunos em contato com as frações decimais através de uma situação que envolve o envio de correspondências, como mostrado no Quadro 1:

Quadro 1 – Enviando cartas pelo correio

Vocês escrevem cartas?	
Não esqueçam de por o selo no envelope! Sabem quanto devem por? Vejam:	
Carta pelo correio comum	2 Cruzeiros e 50 Centavos
Cartão postal	1 Cruzeiro e 50 Centavos
Carta aérea (no Estado)	3 Cruzeiros
Carta aérea (fora do Estado)	3 Cruzeiros e 30 Centavos
Façam os cálculos:	
1) Carlos envia 2 cartas pelo correio comum.	
2) Rosana envia uma carta aérea dentro do Estado e 1 cartão postal.	
3) Paulo envia 2 cartas aéreas fora do Estado.	
4) Alice envia 1 carta comum e 1 carta aérea dentro do Estado.	
5) Ângela envia 1 cartão postal e 1 carta comum.	
6) Osmar, em Novo Hamburgo, escreve 1 carta aérea a Pelotas.	
7) Lia, em Santa Rosa, escreve 2 cartas aéreas, uma a Porto Alegre e outra ao Rio de Janeiro.	
8) Tragam selos usados de casa e anotem o seu valor.	
2 Cruzeiros e 50 Centavos escreve-se Cr\$ 2,50	

Fonte: Goerl, [194-], p. 30.

As atividades da Segunda Aritmética, mostradas no Quadro 1, deveriam ser realizadas a partir dos preços de envio de correspondências, seja envio de carta pelo correio comum, cartão postal, carta aérea no Estado ou carta aérea fora do Estado. Esta prática era comum, de acordo com Roche (1969), devido à ausência de meios de comunicação nas colônias, recorria-se ao envio de correspondências pelos serviços postais para comunicações entre familiares e conhecidos mais distantes. Dessa forma, os alunos começavam a realizar operações de adição com números decimais sem um tratamento formal deste conteúdo, mas associada a uma prática sociocultural, inclusive com o uso de selos usados para registro de valores e escrita da linguagem monetária.

Na mesma edição, o autor traz uma *tabela de preços* relacionada a compras em armazéns, uma prática social comum nas colônias alemãs do RS. Trata-se de um exercício que também envolve a adição de números decimais e explora o cálculo da metade ($\frac{1}{2}$) de uma quantia em dinheiro, conforme descrito no Quadro 2:

Quadro 2 – Compras no armazém

Nossas compras no “Armazém Aurora”

A TABELA DE PREÇOS

1 kg de feijão	Cr\$ 12,00
1 kg de arroz	Cr\$ 18,00
1 kg de batata inglesa	Cr\$ 8,60
1 kg de farinha de trigo	Cr\$ 12,50
½ kg de café	Cr\$ 34,00
1 kg de açúcar	Cr\$ 14,80
¼ kg de manteiga	Cr\$ 32,50
1 dz de ovos	Cr\$ 36,00
1 ℓ de leite	Cr\$ 10,00

1) 1 kg de feijão e 1 kg de arroz.	5) ½ kg de café e 1 ℓ de leite.
2) 1 dz de ovos e 1 kg de farinha de trigo.	6) 1 kg de açúcar e ¼ kg de manteiga.
3) 1 kg de batata inglesa e 1 kg de açúcar.	7) ½ kg de arroz e ½ ℓ de leite.
4) ½ kg de batata inglesa.	8) 1 kg de café.

Fonte: Goerl, [194-], p. 31.

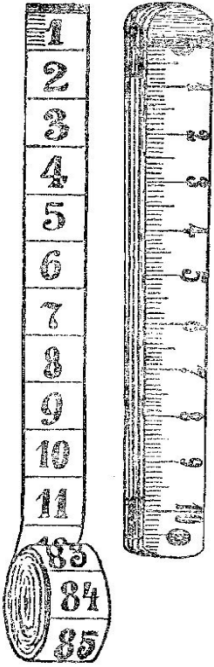
O recorte do livro apresentado no Quadro 2 mostra os preços de nove gêneros alimentícios encontrados num armazém, propõe o cálculo do valor de compras relacionadas a esses produtos. Conforme Roche (1969), o colono levava sua produção excedente para vender no armazém e neste comprava os produtos que não tinha na colônia para sua subsistência. Logo, a atividade proposta está relacionada com uma prática comum nas colônias alemãs gaúchas. Observa-se que, além da operação de adição com números decimais, o exercício propõe o cálculo da metade de valores, como por exemplo: 1 kg de batata inglesa custa Cr\$ 8,60, então ½ de batata inglesa custa Cr\$ 4,30. Dessa forma, o autor do livro explora intuitivamente a ideia de adição e divisão com números decimais.

De acordo com Rambo (1994), a familiaridade com os diversos sistemas métricos significava um pré-requisito insubstituível para equipar as gerações de colonos. Neste sentido, as duas aritméticas trazem uma proposta de estudo semelhante, partindo do metro em fita e de madeira, conforme se pode observar na Figura 2:

Figura 2 – Vamos lidar com o metro!

1 metro tem 100 centímetros

Estão vendo, na gravura, um metro de fita e outro de madeira. Que metro vocês têm em casa? Que metro usa o alfaiate? o carpinteiro?



1 metro escreve-se 1 m
1 centímetro escreve-se 1 cm

1. Leiam e copiem:

a) 1 m b) 5 cm
2 m 23 cm
15 m 48 cm
30 m 50 cm
54 m 69 cm
87 m 72 cm
96 m 81 cm
100 m 94 cm

c) 1 m 27 cm
3 m 49 cm
8 m 5 cm
10 m 10 cm
25 m 63 cm
47 m 8 cm
52 m 90 cm
79 m 16 cm

1 m 25 cm escreve-se 1,25 m

2. Escrevam desta forma:

1 m 45 cm = 1,45 m
1 m 6 cm = 1,06 m
2 m 38 cm =
3 m 2 cm =
18 m 54 cm =
39 m 5 cm =
64 m 17 cm =
78 m 8 cm =

Fonte: Goerl, [194-], p. 33.

No estudo da unidade de medida *metro*, o autor do livro sistematiza o conteúdo fazendo uso de ilustrações que representam o metro e associando-o com as profissões de alfaiate e de carpinteiro. A articulação entre a linguagem simbólica e os desenhos do metro, podem ter contribuído para o aluno associar a unidade de medida de comprimento com o instrumento de medida e construir relações entre metro e centímetros, conforme o excerto mostrado na Figura 2. Conforme Roche (1969), entre os imigrantes alemães havia pessoas que exerciam diferentes profissões, embora tivessem que se dedicar inicialmente ao cultivo das terras, logo, começaram a surgir as profissões essenciais ao mundo rural, como as descritas acima.

No Quadro 3, apresentam-se alguns problemas que envolvem as operações de adição e subtração com números naturais, encontrados nessa aritmética:

Quadro 3 – Problemas envolvendo produções agrícolas e atividades agropecuárias

- 1) O pai de Alfredo colheu no ano passado 34 s de milho, 8 s de amendoim, 14 s de feijão preto, 14 s de arroz e 15 s de batata. Quantos sacos colheu ao todo? (p. 39).
- 2) Num balaio há 30 laranjas, noutro 400, e noutro 200 laranjas. Quantas laranjas há ao todo? (p. 42).
- 3) Das 700 maçãs venderam-se primeiro 500, depois 100. Quantas sobram? (p. 42).
- 4) O Sr. Ribas tinha ao todo, no começo do ano, 4057 cabeças de gado. Ele vendeu 985

bois e 278 vacas. Com a seca e doenças perdeu 369 cabeças. Nasceram, porém, 546 terneirinhos. Quanto é o total do gado no fim do ano? (p. 74).

5) Numa fazenda o capataz comprou 7493 kg de forragem. No mês de julho gastaram 2742 kg e no mês de agosto gastaram 574 kg menos. Quanto sobrou da forragem? (p. 74).

Fonte: Goerl, [194-].

Goerl propõe a resolução de vários problemas envolvendo as operações de adição e subtração. Os problemas descritos no Quadro 3, exploram as ideias de juntar ou de acrescentar, uma quantidade a outra, da operação de adição, e a ideia de tirar da subtração, em diferentes contextos da realidade dos alunos das escolas paroquiais luteranas gaúchas. Ressalta-se o predomínio de problemas relacionados com produções agrícolas e atividades agropecuárias. A proposta pedagógica dessa aritmética procura aplicar os conhecimentos da matemática formal em práticas socioculturais dos imigrantes alemães no RS, com o objetivo de melhor inserir os alunos das escolas paroquiais luteranas nesta realidade. Acrescenta-se que, de acordo com Roche (1969), a agricultura praticada pelos colonos alemães no RS era essencialmente de subsistência:

Seus produtos principais eram a batata inglesa, o arroz, o feijão, a mandioca e o milho. Afora a batata inglesa, que eles haviam cultivado na Alemanha, tratavam-se de produtos locais adotados sob a pressão da necessidade. Consumiam, também, as frutas da região. Também cultivaram certo número de plantas que atendiam a necessidades elementares: o linho e o algodão, fiados e tecidos no próprio local; a cana, que fornecia o açúcar e o álcool; o fumo, que era seu único luxo. Além da abóbora, que, no inverno, servia para alimentar os homens e os animais, e cujos grãos dava um óleo utilizado na cozinha, na iluminação e na fabricação do sabão (ROCHE, 1969, p. 269).

No Quadro 4 são apresentados cinco problemas relacionados a *alguns gastos da família do tio Pedro*:

Quadro 4 – Alguns gastos da família do tio Pedro

- 1) A família do tio Pedro compra 1 kg de carne por dia a Cr\$ 40,00 o kg. Quanto gasta por semana?
- 2) Pelo leite pagam Cr\$ 11,00 o litro. Comprando 2 litros por dia, quanto gastam no mês de janeiro? No mês de junho?
- 3) Quanto gastam por semana com o pão, comprando 1 kg por dia a Cr\$ 16,00? Quanto gastam por mês?
- 4) Os gastos de luz e gás vão a Cr\$ 12,00 por dia. Quanto gastam por mês?
- 5) Calculem quanto a família gastou ao todo por estas compras nos dias 1º a 6 de maio.

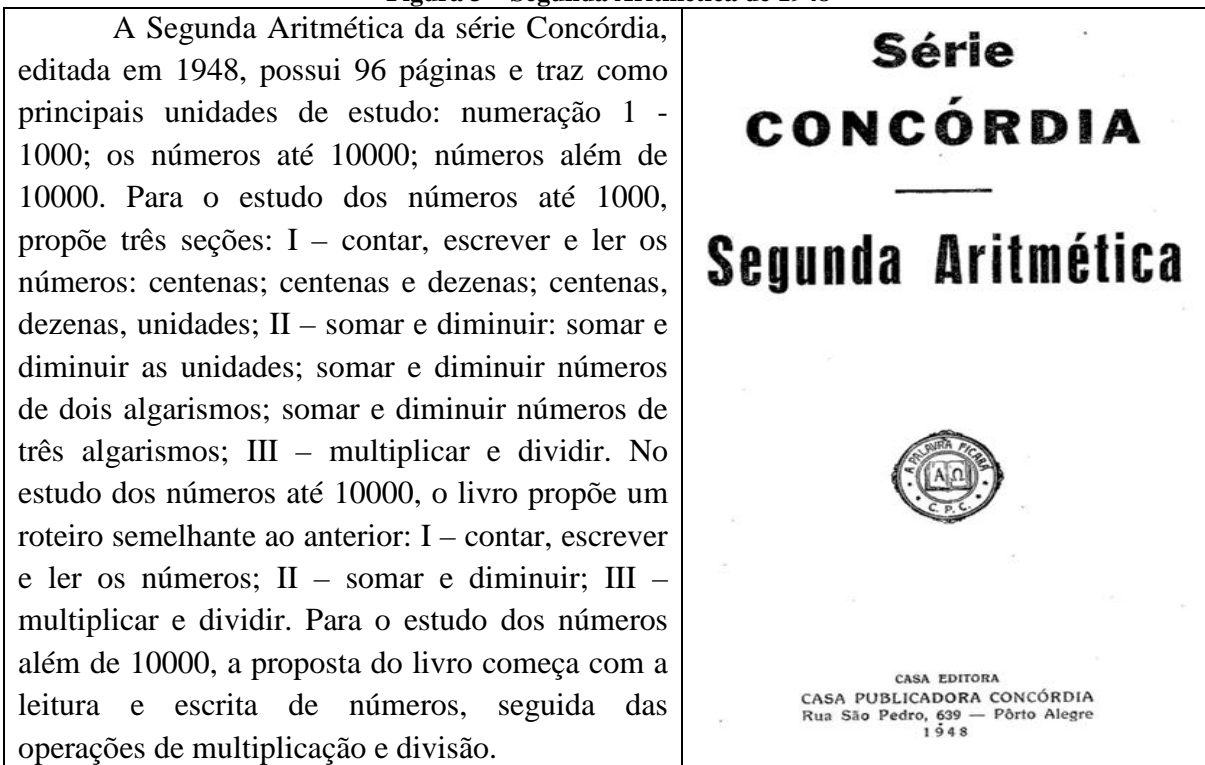
Fonte: Goerl, [194-], p. 61.

Os problemas descritos no Quadro 4 exploram a operação de multiplicação em situações de gastos familiares semanais e mensais. De acordo com Rambo (1994), estas atividades estariam contribuindo para formação dos alunos das escolas paroquiais, pois, no

futuro, eles precisariam saber controlar com certa exatidão suas receitas e despesas, fazendo previsões mais ou menos confiáveis e administrando corretamente o orçamento familiar.

A Figura 3 apresenta a edição da Segunda Aritmética da série Concórdia, editada em 1948, sem autoria declarada:

Figura 3 – Segunda Aritmética de 1948



Fonte: Série Concórdia, 1948.

Essa aritmética contextualiza conhecimentos matemáticos com a prática religiosa luterana, conforme mostrado no Quadro 5:

Quadro 5 – Matemática e a prática religiosa luterana

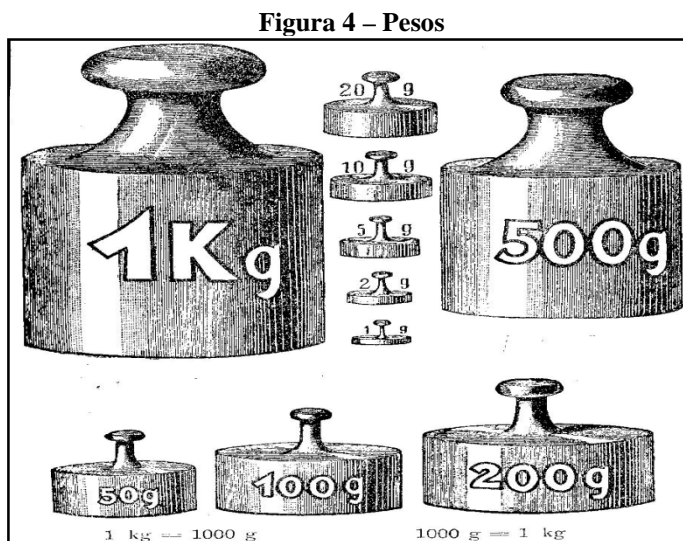
- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1) A minha História Bíblica tem 147 páginas, o meu catecismo tem 10 páginas mais (p. 18).2) No domingo passado o culto foi assistido por 125 pessoas, no último domingo compareceram 40 pessoas a mais. (p. 18).3) A contribuição de meu pai à caixa da comunidade é de Cr\$ 8,00 cada domingo. Com quanto contribuirá em 1 mês, em $\frac{1}{2}$ ano, em $\frac{1}{4}$ de ano? (p. 54). |
|--|

Fonte: Série Concórdia, 1948.

Os problemas, apresentados no Quadro 5, mostram como havia a preocupação de se incluir no livro de aritmética, atividades relacionadas com a prática religiosa luterana, como leitura de histórias bíblicas e do catecismo, bem como outras situações relacionadas a comunidade paroquial. Conforme Weiduschadt (2007, p. 180), “através da religiosidade as práticas de leitura eram enfatizadas na aprendizagem dos alunos”. Acrescenta-se que o último problema fala da contribuição que um pai faz todos os domingos para a caixa da comunidade,

propondo o cálculo do valor contribuído em alguns períodos de tempo. Trata-se de uma atividade matemática contextualizada com a prática social de contribuir financeiramente com a Igreja. Conforme Steyer (1999), o orçamento paroquial era constituído pela contribuição financeira de seus membros e pela doação de gêneros alimentícios para família pastoral.

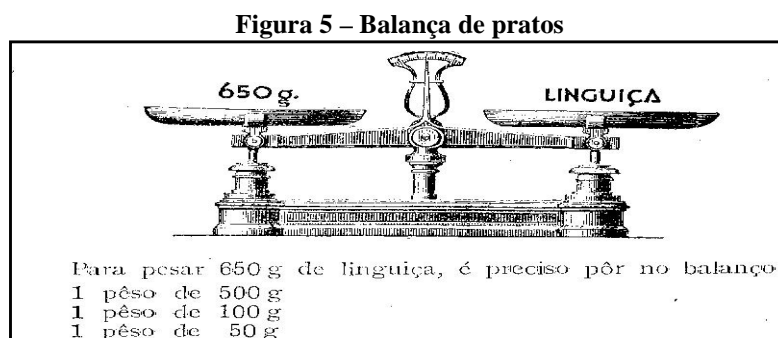
Na Figura 4 são apresentados os pesos utilizados na balança decimal e na balança de pratos, utensílios comuns nas colônias alemãs gaúchas:



Fonte: Série Concórdia, 1948, p. 15.

As representações dos pesos são encontradas no início da Segunda Aritmética de 1948. Observam-se os pesos de 1 g, 2 g, 5 g, 10 g, 20 g, 50 g, 100 g, 200 g, 500 g e 1 kg. Porém, na balança decimal ainda se utilizam pesos maiores, como 5 kg. As representações mostradas na Figura 4 são exploradas em exercícios de composição de pesos. Para compor 630 g, por exemplo, usam-se $500\text{ g} + 100\text{ g} + 20\text{ g} + 10\text{ g} = 630\text{ g}$. Esta ideia de composição é importante para compreensão do princípio de igualdade numa balança de pratos. Acredita-se que esta proposta do livro pode favorecer a construção de conhecimentos matemáticos pelo aluno, contribuindo para o estudo das medidas de massa e a associação dessas medidas com situações vivenciadas em seu cotidiano.

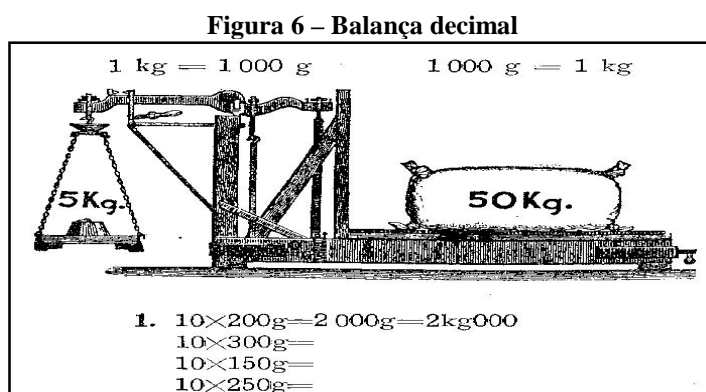
O excerto do livro, mostrado na Figura 5, refere-se a uma balança de pratos:



Fonte: Série Concórdia, 1948, p. 16.

A balança de pratos deveria ser conhecida dos alunos, pois fazia parte do cotidiano das colônias para obtenção das medidas de massa. A balança de pratos funciona com base no princípio de equilíbrio dos dois pratos, sendo utilizados na *pesagem* os pesos mostrados na Figura 4 deste trabalho. No exemplo apresentado, para pesagem de 650 g de linguiça são necessários 1 peso de 500 g + 1 peso de 100g + 1 peso de 50 g. A proposta do livro explora a (de) composição de pesos a partir desta ideia.

Na Figura 6, apresenta-se a ilustração de uma balança grande (decimal), encontrada nessa edição da Segunda Aritmética:



Fonte: Série Concórdia, 1948, p. 73.

As balanças decimais eram usadas nas colônias para *pesagem* de produtos agrícolas, tanto nas propriedades rurais, quanto nas casas comerciais (vendas). Podem envolver relações entre as unidades de medida de massa gramas (g) e quilogramas (kg). Para *pesagem* de um saco com 50 kg, por exemplo, era necessário colocar um peso de 5 kg no prato da balança decimal, pois $10 \times 5\text{ kg} = 50\text{ kg}$. A proposta pedagógica dessa aritmética era familiarizar o aluno com o princípio de funcionamento de uma balança decimal, a qual multiplica por 10 o peso colocado no prato da balança. O exercício 1, mostrado na Figura 6, é proposto neste sentido e complementado com a transformação da unidade de medida de massa g para kg. Acrescenta-se que o princípio de funcionamento da balança decimal também pode ser pensado pela operação inversa, ou seja, sabendo-se, aproximadamente, a massa de algum produto era preciso dividi-la por 10 para colocar, com maior precisão, o peso correto no prato da balança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do referencial da pesquisa histórica, investigou-se a contextualização do conhecimento matemático nas duas edições da Segunda Aritmética da série Concórdia,

editadas pela IELB, através da Casa Publicadora Concórdia, para as escolas paroquiais luteranas do RS, na primeira metade do século XX.

O estudo realizado mostra que as propostas de ensino dessas aritméticas abordavam concretamente e de forma conectada três aspectos essenciais da Matemática educativa: o formativo, o informativo e o utilitário. O primeiro no sentido da aprendizagem do conteúdo, o segundo no sentido dos aspectos culturais e o terceiro no sentido das relações com as práticas sociais. Nas duas aritméticas se verificou que o conhecimento matemático esteve contextualizado com produções e atividades agrícolas, operações comerciais, administração do orçamento familiar, prática religiosa luterana, comunicação postal e profissões existentes nas colônias alemãs gaúchas.

Portanto, as práticas socioculturais das comunidades rurais do RS com escolas paroquiais luteranas foram mobilizadas para a sala de aula de modo eficaz e decisivo na formação educacional dos futuros colonos, especialmente com a abordagem de atividades relacionadas à agricultura e à economia, evidenciando-se suas influências no ensino da Matemática. Com este estudo histórico sobre a contextualização do conhecimento matemático nas duas edições da Segunda Aritmética da série Concórdia se pretende contribuir para a História da Educação Matemática.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares - reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

GOERL, Otto A.. **Série Concórdia: Segunda Aritmética**. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, [194-].

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KUHN, Malcus Cassiano. **O ensino da matemática nas escolas evangélicas luteranas do Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX**. 2015. 466 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Canoas, 2015.

KUHN, Malcus Cassiano; BAYER, Arno. A contextualização do conhecimento matemático nas edições da Terceira Aritmética da Série Ordem e Progresso e da Série Concórdia. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática/International Journal for Studies in Mathematics Education**, v. 9, n. 2, p. 1-29, 2016.

LEMKE, Marli Dockhorn. **Os princípios da educação cristã luterana e a gestão de escolas confessionárias no contexto das ideias pedagógicas no sul do Brasil (1824 – 1997)**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMBO, Arthur Blásio. **A escola comunitária teuto-brasileira católica**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. v. 1 e v. 2.

SÉRIE Concórdia: Segunda Aritmética. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1948.

STEYER, Walter Otmar. **Os Imigrantes Alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900 – 1904**. Porto Alegre: Singularart, 1999.

VALENTE, Wagner Rodrigues. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas. **REVEMAT – Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 2, n. 2, p. 28-49, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.